

Corpo presente... Na formação e no cuidado em saúde¹

Body present... in teaching and health care

Cuerpo presente... en el enseñanza y en cuidado de la salud



Yara M. Carvalho

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

E-mail: yaramc@usp.br



Valéria Monteiro Mendes

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo Brasil

E-mail: Valeriamm@usp.br

Resumo: A pandemia da COVID-19 nos incitou a produzir uma reflexão a respeito dos conteúdos e modos de sugerir e orientar para a atividade física, haja vista ela não prevenir a infecção e, em ambientes fechados, favorecer a contaminação do vírus. De outra perspectiva, os corpos “das ruas” não se satisfazem com as instruções e respostas dos manuais e guias de atividade física. Nesse sentido, os profissionais de saúde precisam abrir os olhos, os corações e as mentes para a construção de movimentos de composição com as cidades e as lutas em defesa de todas as vidas e não se soltar ou se perder dos estudantes, potenciais cuidadores no futuro próximo. O que propomos para este ensaio é fazer pensar sobre o que nos passa enquanto docente e pesquisadoras preocupadas e envolvidas com os processos de formação, especialmente no campo da saúde, a partir de ponderações teórico-conceituais sobre nossas experiências.

Palavras-chave: Corpo, Formação acadêmica. Saúde. Cuidado. Pandemia covid-19.

¹ O trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

Abstract: The COVID-19 pandemic has prompted us to produce thought upon the content and modes of suggesting and directing physical activity, as it does not prevent infection, and, indoors, promotes contamination from the virus. From another perspective, the bodies of the “streets” are not satisfied with the instructions and answers of the manuals and physical activity guides. In this sense, health professionals need to open their eyes, hearts and minds to build compositional movements with the cities and struggles in defense of everybody’s lives, holding onto and not getting lost from students, the potential carers in the near future. What we propose for this essay is to make us think about what happens to us as a professor and professionals-researches concerned and involved with the education processes, specially in the field of health, based on theoretical and conceptual considerations about our experiences.

Keywords: Body. Teaching. Health. Care. covid-19 pandemic.

Resumen: La pandemia COVID-19 nos incitó a reflexionar sobre los contenidos y formas de sugerir y orientar las actividades física, em vista de no prevenir la infección y, en ambientes cerrados, favorecer la contaminación por virus. Desde otra perspectiva, los cuerpos “de las calles” no están satisfechos con las instrucciones y respuestas de los manuales y guías de actividad física. En este sentido, los profesionales de la salud necesitan abrir los ojos, el corazón y la mente para construir movimientos de composición con ciudades y luchas en defensa de todas las vidas y no soltarse o perderse de los estudiantes, potenciales cuidadores en el futuro próximo. Lo que proponemos para este ensayo es hacernos reflexionar sobre lo que nos sucede como profesores-investigadores interesados e involucrados en los procesos de formación, especialmente en el campo de la salud, a partir de consideraciones teórico-conceptuales sobre nuestras experiencias.

Palabras claves: Cuerpo. Enseñanza. Salud. Cuidado. Pandemia covid-19.

Submetido em: 04-08-2021

Aceito em: 02-09-2021

AS FORÇAS DAS ENCRUZILHADAS... E OS CORPOS

Os incêndios nas florestas nos afetam, nos queimam...

Os lixos nas ruas, nos rios e mares nos afetam, nos entristecem
A fome exposta debaixo das pontes nos afeta, produz dor em nós

Por mais que sejamos indiferentes a tudo isso – destruição, perdas
E sofrimentos –, ou que tenhamos naturalizado esses dramas, nossos corpos
sofrem e são modificados com esses acontecimentos...

Como “aprendemos” que podemos nos alijar das corresponsabilidades
E dos vínculos, não estamos entendendo e não sabemos sair dessa condição e
desse lugar caótico e perdido que estamos experimentando... principalmente as
crianças, os jovens e adolescentes e os idosos... que não encontram
Dentro de casa essas respostas...

Vivemos dos efeitos do que nossa formação, em sentido amplo, foi produzindo em nós. Temos sido educados e treinados – seja no contexto da família, no cenário escolar e universitário ou, ainda, no ambiente de trabalho – para ter e acumular, em detrimento de partilhar, distribuir e dar.

Entretanto, muitas vezes, para ter, acumular e manter “controles”, normas e regras, temos sido oprimidos e explorados e, ao mesmo tempo e da mesma forma, estamos oprimindo e explorando. Os efeitos dessas fabricações controladoras e vorazes geram o que identificamos como imperialismos, sexismos, racismos, classismos...

Nos ensinam que não devemos mentir, mas, não raras vezes, quem diz a verdade é punido e quem mente se dá bem... Mentir tem sido também uma estratégia para garantir posições de comando, manipulação e domínio, sobretudo quando pensamos nos governos e modos de governar, nas instituições formativas de

todos os níveis, nas microrrelações das famílias, para mencionar apenas alguns domínios nesse campo de subjetivações.

Algumas vezes nos sentimos motivados a lutar contra as diferentes formas de “governos dos vivos”, usando a expressão de Michel Foucault, quando percebemos nossos próprios interesses ameaçados. Mas isso não tem sido suficiente para revertermos as violências, os desatinos e os desmontes das políticas sociais e públicas. Não podemos mais seguir assim... A condição de pandemia tem nos exigido pensar nos problemas e dilemas que foram sendo empurrados para “debaixo do tapete”.

No âmbito da educação física, é necessário nos atermos em pensadores e obras, para além da própria área de conhecimento, formação e ação, que ampliam o campo problemático relativo, por exemplo, ao corpo e à corporeidade. Aqui, trazemos uma ideia de corpo-relação: o corpo é o conjunto das relações que produz com outros corpos, considerando que tudo é corpo, um peixe, uma planta, uma bicicleta, uma fruta, o vizinho e cada um dos viventes – animados e inanimados. O corpo é efeito das relações que produz com outros corpos. Por natureza, está conectado com tudo e todos.

Nesse sentido, nos interessa as decorrências dessa concepção de corpo: para onde vamos e o que podemos com ela... com vistas a revertermos essa condição de apatia e distanciamento do Outro, dos Outros, dos coletivos nos seus infinitos modos, nas suas infinitas formas...

Vestígios de... presença

O que propomos para este ensaio é fazer pensar sobre o que nos passa enquanto docente e profissionais-pesquisadoras preocupadas² e envolvidas com os processos de formação, especialmente no campo da saúde. Estamos formando futuros

² Valéria e eu estamos coescrevendo este ensaio, trazendo ora elaborações teórico-conceituais de experiências individuais-singulares, ora questões comuns que nos atravessaram e atravessam, interessadas em produzir pensamento e ação a partir de outros recortes e referenciais. Também por esse motivo, nossa escrita está no singular e no plural, simultaneamente. É para nos atermos ao exercício de ir e vir com o que carregamos de coletivo-singular.

profissionais da saúde que, teoricamente, serão cuidadores, e precisarão ser sensíveis às dores e sofrimentos e aos processos de adoecimentos.

Na condição de formação remota ou virtual tudo muda, sobretudo as relações, múltiplas e inusitadas: com os equipamentos, com e entre os estudantes, com os colegas docentes e as instituições. Aparentemente, tudo muito tênue... quase imperceptível, mas, simultaneamente, um acontecimento... arrebatador.

Como inspiração para este fragmento de escrita, trago como referência teórico-conceitual um artigo que coescrevi com amigos do teatro LUME³, do PACTO⁴ e do Laboratório Corpo e Arte⁵. Passada uma década, as ideias expostas nele confirmam sua força, neste contexto dramático de pandemia, quando problematizamos a respeito da formação.

O efeito de presença como materialidade dos encontros, seja em cenários concretos, seja em zonas virtuais, produz um acontecimento infinito que reverbera para além da finitude dos corpos, ampliando possibilidades de expressão. Os corpos em processos de mais ou menos empatia e contaminação nas suas “existências mínimas”⁶ vão gerando e disparando artes – escritas, narrativas, músicas, gestos e movimentos. Um estado de presença que conjuga em um determinado espaço ou cenário ou tela um ser e um estar, presença no sentido de “serestar”, como nos convida Colla (2013) a pensar.

Presenças que produzem relações de afeto, que nos mostram o poder de afetar e de ser afetado, nos levando a um lugar que produz em nós diferentes percepções e intensas sensações, alterações nos batimentos do coração, mudanças na coloração da face, turbulências e repousos mínimos, mas potentes ativadores

3 O LUME é um grupo de teatro sediado em Campinas, São Paulo.

4 O PACTO é um Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional vinculado à USP.

5 Laboratório Corpo e Arte da Unifesp-Baixada Santista, São Paulo.

6 A expressão “existências mínimas” dá título à obra de David Lapoujade, “As existências mínimas”, onde, inspirado pelo filósofo Étienne Souriau, Lapoujade interpreta as ideias daquele e as apresenta e desenvolve sobre os diferentes modos de existência que povoam o mundo, nos convocando a pensar nas potencialidades que acompanham cada existência, o que elas poderiam ser.

de processos desterritorializantes, nos roubando e nos trazendo de volta para o estado de presença, ainda que deslocada.

Como seres de sensações, como seres poéticos, não raras vezes nos surpreendemos, na condição de tela, com um espaço aberto e propício para o inusitado, para o imponderável, nos revelando a dimensão imaterial e incorpórea das relações, nos convocando, por todos as bandas, para a experiência da presença.

Poderíamos pensar a tela como cenário... a tela como teatro?

Como, em condição de tela, podemos compor? Como encontrar com o “virtual” (LAPOUJADE, 2017), em condição de tela, para juntos, na forma de coletivo, irmos na produção de sentidos nos processos de formação?

A tela tem sido um espaço provisório de processos de formação para além do conteúdo filosófico, científico ou técnico. Temos aprendido modos sutis e sofisticados de conexão, para além da sua materialidade, a fim de criarmos uma zona de abertura aos afetos e às afecções (SPINOZA, 2007). Mas esse ambiente não é, necessariamente, iluminado. Ele não é claro e nem aparente. Ele é perceptível para quem experimenta a luz do escuro.

É como acessar um segundo plano, uma segunda dimensão da experiência da presença. Algo que não acessamos enquanto estamos distraídos ou entretidos a respeito do que nos passa. O corpo-sensível exige de nós a experiência de acessar outras formas – minerais, cósmicas, vegetais, animais... Quando um ator se faz presente significa que ele está se lançando, ao mesmo tempo em que lança os espectadores em um território virtualizado, um território no qual sua técnica formalizada e sua mecânica corpórea estará (in)visível.

Ao ser pensada como força, a vida se torna uma potência que relaciona e compõe corpos, partes de corpos e matérias de expressão e, portanto, assim como os efeitos de presença, pode ser localizada num espaço-território de invisibilidade intra-inter-corpos.

Essa força-vida-inorgânica não pode ser um ponto definível e localizável, nem dentro de uma suposta in-corporeidade virtual,

nem dentro de um organismo corporal material, nem dentro de qualquer elemento individual.

A compreensão do conceito de vida, aqui:

[...] inclui a sinergia coletiva, a cooperação social e subjetiva no contexto de produção material e imaterial contemporânea, o intelecto geral. Vida significa inteligência, afeto, cooperação, desejo. [...] E ao descolar-se de sua acepção predominantemente biológica, ganha uma amplitude inesperada e passa a ser redefinida como poder de afetar e ser afetado, na mais pura herança espinosana (PELBART, 2002, p. 39).

Dessas rápidas predefinições de VIDA e PRESENÇA podemos inferir algumas questões: tanto a definição de presença quanto a de vida pressupõem aspectos relacionais e composicionais e ambas rejeitam os atributos específicos de corpos individuais (FERRACINI *et al.*, 2014).

Essa constatação nos remete à necessidade de pensar a formação em uma condição e em um plano de produção de pensamento e de ação relacional, cooperativo e inventivo que nos arranque da dicotomia teoria e prática, ação e reação, nos colocando na dimensão micropolítica das sensibilidades, das sutilezas e dos mínimos a fim de resistirmos ao desamparo e descaso das instituições que vão se tornando caducas, “sem pé nem cabeça”, descabidas, desvalorizadas e, sobretudo, perdidas dos processos de formação⁷.

A extensão intensiva de um corpo não se localiza somente nos músculos, ou no que é visível dos corpos. Ela habita os processos e a dinâmica entre todos os espaços e interstícios. A presença, nesse sentido, está diretamente definida pela inteligência que o corpo-relação possui em disparar nos outros corpos – todos –,

⁷ Muito antes da condição de pandemia, já vínhamos em um processo de degradação e esgotamento do ensino formal. Entretanto, cabe aqui chamar a atenção para muitas iniciativas que, paralelamente, vinham sendo experimentadas e teorizadas a favor e em defesa da dimensão pedagógica e formativa dos estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação, sobretudo no contexto das universidades públicas. Damos destaque aqui às iniciativas voltadas para a Formação Interprofissional, ou ainda para a constituição de Redes de Formação e Educação em Saúde, especialmente a Rede Unida, entre outras ações que formularam e implementaram outros modos de pensar e fazer a universidade, a formação e educação em saúde, em particular.

movimentos desconcertantes, inquietos, barulhentos e traquinas no seu entorno.

Corpos travessos desencadeiam efeitos de “presença”, concatenando coletivos que dissolvem individualidades e afirmam diferenças e singularidades, com produção concomitante dos afetos, gerando uma potência coletiva de pensamento e ação.

Cuidados em saúde... com os afetos

Segunda quinzena de junho de 2021. Mais um dia de outono em que o sol segue por entre as nuvens. Sentada ao computador, vejo da janela da sala as folhas das árvores moverem-se com o vento. Também ouço os periquitos que diariamente cantam por entre os galhos destas mesmas árvores. Ouço, ainda, conversas de trabalhadores da construção civil em mais um arranha-céu em obra. As vidas parecem seguir... mas hoje são mais de 550 mil mortos pela Covid-19 no Brasil. Números que nos quatro primeiros meses de 2021 superaram os de 2020. Mortes evitáveis...

Tristeza, medo, raiva, angústia, desespero, incredulidade. Estes são afetos que habitam muitos de nossos parentes brasileiros. Sim, parentes. Termo constitutivo do viver de nossas irmãs e irmãos indígenas. Termo familiar para mim, que venho de uma região onde em muitas cidades os rios são ruas.

Assim, esta escrita é mais uma das fiações de pensamentos-experimentações-proposições que juntas seguimos tecendo no campo da pesquisa-formação-cuidado. Escrita constituída e atravessada por muitos encontros também nesta difícil experiência pandêmica. Nestas partilhas, trago as experiências como pesquisadora-vivente que caminhou por territorialidades da dita periferia paulistana em uma região que até recentemente carregava a marca de triângulo da morte, interrogando: o que vem de fora e a saúde não enxerga? (MENDES, 2020).

Ao caminhar entre muitas vidas do Jardim São Luiz, Jardim Ângela e Capão Redondo, vivenciei o pulsar de produções ético-político-estético-artísticas e saberes-fazer-viveres que muito podem ensinar para a saúde e para o processo de produção de políticas públicas. Invenções coletivas a partir do que maltrata muitos corpos, do que corta a carne... vidas consideradas indesejáveis e matáveis.

O que vi e vivi com essas vidas? Literatura e cultura periférica; saraus nas escolas e para além delas; saberes-fazer da cultura popular; teatro negro feminino; mulheres negras e gordas na dança e no teatro; modos de vida compartilhados; feminismo negro; saúde e cuidado das mulheres negras; invenção de um existir em trânsito; LGBTQIA+fobia; encarceramento em massa da população negra, particularmente das mulheres negras; mulheres na literatura periféricas e nos *Slams* ...

O que podiam também neste período pandêmico tantas existências, que há muito se constituem sem esperar por uma ação salvacionista e tampouco pelo Estado? Seguir bordando redes em que transbordam solidariedade, persistências e cuidados.

Neste período, o vivido nessas andanças foi inventado de outros modos, pelos fluxos de virtualidades. De um perto-longe eu habitava os encontros em que dores, inseguranças, necessidades e dilemas eram divididos... Ônibus com lotação máxima saindo dos terminais (alguns dos quais circulei durante a pesquisa) para percursos superiores a duas horas até a região central de São Paulo; artistas "independentes", cuja arte é produzida no encontro, sem possibilidade de trabalho; professora/professores-poetas da rede pública reagindo à pressão para o retorno às aulas presenciais. "As janelas não abrem", chamava a atenção, ao filmar a escola, a professora que conheci na pesquisa e que integra o grupo de risco. E aqui me lembro de um grito poético...

Na solidão de indivíduos
somos um coletivo de ausências
Sentindo a falta de família,
falta de amor
falta de abraços
falta de ouvidos que escutem nossas vozes silenciadas
falta de atenção
atenção à sobra de tanta falta
falta moeda
de quem vale a força bruta do trabalho
faltando cada vez mais os direitos trabalhistas para quem segue
valendo mínimo
600,00 do dito benefício que não é pago
Para quem segue valendo o peso de arrobas no discurso de um
presidente fascista
Falta alimento quando dizem não poder faltar imunidade
Falta ser objetivo para quem não falta ser um objeto, o alvo
Falta atendimento médico para quem não falta o vírus,
Para quem não pode ficar em casa
Às vezes falta até a casa, que para quem tem às vezes falta água às
nove horas da noite
Falta o banho
Falta lavar uma mão... lava a outra... lavar uma mão
Sobra noite para quem falta diversão
Faltam recursos, mas não faltam boletos
Mas ainda assim não falta o privilégio de poder escolher qual deve
ser pago
Ah, privilégio?

Em um país em que 56% da população são pretos, pobres, periféricos, inclusive de direitos
Mas a lei é implacável contra nossos corpos
Sem direitos humanos
Quem morre é sempre o mesmo corpo
Quem parte é sempre da mesma parte
E seguimos sobrevivendo das sobras
De toda produção daquilo que não deixamos faltar para os outros

Poema “Sobre vírus e a sobra da falta” de Jefferson Santana, poeta-escriptor-professor de língua portuguesa na rede pública de São Paulo, integrante do coletivo Poetas Ambulantes, morador do Jardim Ângela, zona sul da cidade de São Paulo, com quem compartilhei encontros em minha caminhada de pesquisa, incluindo os saraus literários na escola e as apresentações-intervenções em diferentes espaços, incluindo os encontros realizados na Faculdade de Saúde Pública da USP com o coletivo poetas ambulantes, como o Encontro Sudeste da Rede Unida em 2019 e conversas com calouros do curso de graduação em Saúde Pública.

“Estou preocupada com nossa sobrevivência enquanto artistas”; “O auxílio emergencial foi negado por ter outra família no endereço, mas aqui mora mais de uma família”, compartilhavam uma professora e uma artista da região pelo celular. Ainda hoje, medos, preocupações, dilemas, ausências de cuidados nos arrebataam em diferentes frentes. E, sobretudo, a fome daqueles que seguem na invisibilidade de becos e vielas.

No início da pandemia, doações de cestas básicas foram garantidas a várias famílias, mas, com os meses, as doações minguiaram inversamente ao aumento da fome e ao recrudescimento da

crise sanitária. Era o que partilhava comigo também pelo celular uma mulher preta, poeta, atriz, escritora que seguia com outras mulheres produzindo ações para que as pessoas não tivessem apenas garrafas com água na geladeira. E nesse esforço, dedicam-se também à proteção social. Mais uma entre várias mulheres e movimentos que seguem produzindo cuidados com tantas outras diante de necessidades que alcançam níveis exponenciais. Viventes que integram coletivas e coletivos como a Escola Feminista Abya Yala, o 8M na Quebrada, a Periferia Segue Sangrando, o Bloco do Beco. E nesse movimento, experiências de controle social no interior das Unidades Básicas de Saúde – UBS e de cuidados dos profissionais de saúde a partir da confecção e oferta de equipamentos de proteção, em particular *face shields* por integrantes do Favela da Paz. Aproximações entre vidas, famílias e coletivos, em diferentes territórios, a fim de partilhar o que têm: juntando esforços para distribuir alimento, atenção e afetos. Linhas de cuidados em muitas direções acontecem na zona sul de São Paulo. Viventes, na tessitura de cuidados e resistências.

Alegrias também foram e têm sido cultivadas... saraus e debates com poetas e artistas da literatura e cultura periféricas, alguns dos quais professores que constroem tais ações com estudantes nas escolas da rede pública; encontros virtuais do grupo Flor de Lis, que há mais de 15 anos vivifica os saberes da cultura popular na Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim; lives musicais com artistas do samba, *soul*, *rap*, produzidas pelo Favela da Paz para favorecer encontros entre artistas periféricos e possibilidades de inserção nas artes, tal como acontece há mais de 20 anos no espaço físico do Instituto que neste período ofertou também apoio aos moradores do Jardim Ângela a partir de cestas básicas e do favela card (para aquisição de produtos, como gás de cozinha); e tantas outras iniciativas que têm nos arrancado do conforto das salas da universidade ao encontro de modos de existir e resistir em diferentes cenários, também com os estudantes.

Outro momento singular foram os encontros semanais voltados às mulheres acima de 40 anos, com duração de três meses,

envolvendo saberes afrodiaspóricos em conexão com saberes da ginecologia natural a fim de favorecer discussões e experiências sobre o processo de menstruar e o cuidar individual e coletivo, agregando uma dimensão política às conversas... Com esse projeto (que também vivenciei na pesquisa), concebido por uma mulher negra-atriz-pesquisadora das artes cênicas-integrante da Capulanas Cia de Arte Negra e uma pesquisadora-professora-bailarina do campo das pedagogias somáticas, é possível pensar sobre os distanciamentos de experiências e discussões que ganham pouco espaço nos processos formativos e nos encontros dos serviços sobre outras formas de perceber-experimentar-produzir presença, relações e cuidados com nossos corpos... políticas de mais vida com nossos corpos políticos.

E os encontros, antes vividos presencialmente, aconteceram também pelos fluxos virtuais neste período. Três meses de experimentações, a partir de encontros semanais para mulheres acima de 40 anos, que entrelaçavam os saberes afrodiaspóricos, das pedagogias somáticas, da ginecologia natural e das participantes, a fim de favorecer discussões e experiências sobre os processos de menstruar e de construir cuidados individuais e coletivo, agregando uma dimensão política às conversas. Relatos orais e escritos, experimentações corporais, ofertas de poesias e músicas povoaram os encontros e ressoavam no decorrer da semana nas telas dos celulares do grupo constituído via aplicativo de mensagens destas Menstruadas.

Este é o desafio que se amplifica neste momento. Seguir no fluxo dessas “linhas de frente” pouco visibilizadas nos processos de formação e composição de cuidados... Linhas de acolhimento, de trocas, de apoio, de lutas que seguem em seus entrelaçamentos nas e pelas bordas. Processos que vêm de longe. Fios ancestrais que ornar, fortalecem, forjam possíveis em vidas que firmam os passos em terreiros, becos, quilombos, vielas, avenidas e quintais – pontes que erguem vozes e fortalecem o viver em oposição à política de morte, ações deliberadas (VENTURA; REIS, 2021), cujas decorrências exigem movimentos continuados (FAIR HEALTH, 2021).

É urgente considerar as delicadezas e miudezas deste presente-porvir. Um processo em que são necessárias aberturas para outros ventos-movimentos, como os periféricos e ainda aqueles que constroem pontes, que muito podem ensinar para os modos formar-pensar-produzir as relações na saúde e na educação física e para além dela. Urge experimentarmos os corpos com gritos-cantos-batuques-evocações-tessituras-lutas de vidas que denunciam os abismos e incongruências capitalísticas e enunciam a necessidade premente de nos implicarmos mutuamente.

Sem fechar... Os corpos... Nas encruzilhadas

Em meio à tragédia que vivemos, produzimos este ensaio a partir dos efeitos que temos experimentado nos misturando às vidas – histórias, experiências e redes – a fim de abrir novos caminhos em direção a saberes e fazeres ainda pouco explorados na saúde e, em especial, na educação física. Como coletivo de pesquisa, como pesquisadores-viventes, há décadas seguimos atravessando encruzilhadas... nas trilhas das ciências humanas e sociais e da filosofia, da saúde coletiva e, mais recentemente, das artes e das cosmovisões das quais fomos sistemática e insistentemente apartados, como as dos povos originários e das existências negras, nossos parentes.

Trajetória que segue teimosa e alegremente na produção de encontros, deslocamentos e redes ao inventarmos e alimentarmos um grupo de pesquisa – o corpus – que tem os corpos na sua multiplicidade como questão... com todos os corpos... seguindo as linhas dos escritos de Spinoza, entendendo que a mente e cada corpo pode mais... quanto mais experimenta e compõe com outros corpos.

Nesse sentido, a sensibilidade, essa inteligência para perceber o sutil, é estratégica para construirmos diferentes modos de formação e de cuidado. Ela compõe nossos modos de fazer lu-

tas e políticas. Temos sido descompensados nos modos de vida ocidentais modernos – capitalísticos e desventurados. Nossas sensibilidades estão em colapso. Nossos corpos estão confusos e perdidos. Mas estão escancaradas, cada vez mais, nos espaços e tempos das superfícies, as estratégias de combate às políticas de morte – do pensamento e da ação – e às saídas e brechas de aposta nos corpos-relação.

Existir e resistir demandará estratégias e ações que acessem as artes. Corpos... em artes... Corpos que toquem nossas sensibilidades e nossas alegrias – potência de ser e agir. Não nos restringimos aqui aos artistas e muito menos às celebridades, mas às mínimas existências e suas artes: obras de arte vivas... nas ruas, nos ditos territórios periféricos, nas epistemologias e cosmovisões silenciadas, mas também nas telas dos espaços e tempos de formação. E aqui esbarramos nas políticas de formação “em ato”, em fluxo com as vidas, produzindo um campo relacional no qual a invenção e a sensibilidade são objetos de pensamento e são compartilhados na experiência de estar-fazer junto.

Onde há abuso e negligência não há afetos alegres, não há amor. Precisamos garantir o amor às crianças, aos adolescentes e jovens, aos idosos, a todas e todos. Precisamos praticar na educação física uma ética do amor e da liberdade de uma perspectiva descolonizadora a fim de erradicarmos os descasos, as indiferenças e os ódios. E entre os temas e autores e autoras com os quais temos nos encontrado mais recentemente, destacamos o racismo e suas intersecções, que inclui as questões de gênero e de classe (Adichie, 2011, 2019; Almeida, 2019; Collins, 2019; Davis, 2018, 2016a, 2016b; Kilomba, 2019; Mbembe, 2019; Silva, 2019; Borges, 2019; Federici, 2017; Hooks, 2019, Akotirene, 2019) e a produção de modos de existir-resistir (Krenak, 2019, 2020a, 2020b; Kopenawa; Bruce, 2015; Shiva, 2019); o que inclui os caminhos das artes (Capulanas; Silva, 2018; Evaristo, 2017, 2018; Paixão *Et Al.*, 2011; Faustino; Capulanas, 2014; Martins; Moura; Reis, 2017; Silvestre, 2019; Faustino; Souza, 2012; Souza, 2012; Vaz, 2013, 2011, 2016; Santanna, 2014, 2018; Tenina, 2017).

Será necessário nos reconciliarmos com as diferenças e com as pluralidades dos modos de existir e viver, a fim de partilharmos as dores, as perdas, os sofrimentos e os lutos entre todos os viventes – humanos, animais, cósmicos, vegetais, minerais... Será necessário conversarmos sobre a morte e sobre as mortes para nos apoiarmos mutuamente, fazermos as pazes com nós mesmos e com os outros, para nos curarmos, entendendo a cura como um ato de comunhão.

Os isolamentos são recusas do sentir, produzem tristeza e adoecimentos de diferentes ordens, particularmente depressão. O fenômeno pandêmico tem nos mostrado, entre outras coisas, que não estávamos experimentando verdadeira e plenamente o corpo relacional, sensível e sensorial... e também político!!! Não estávamos cuidando dos nossos afetos... dos projetos comuns, das lutas, dos movimentos em prol da justiça social para a existência digna de todas e todos.

Estamos aqui afirmando que o pessoal é político. Nesse sentido, nossos afetos e nossas práticas – corporais, artísticas, estéticas –, dizem das nossas visões de mundo e de modos de pensar e sentir. A ética do amor e da liberdade implica em potência de agir. Os movimentos feministas, em especial os feminismos negros, nos ensinam isso. As famílias estendidas nos ensinam a respeito do poder das comunidades e das amizades.

Precisamos experimentar a política da amizade com intuito de ressignificá-la. Já começamos a experimentar a convivência com comunidades desconhecidas. Nunca estivemos, seja como pesquisadoras, seja como grupo de pesquisa, tão próximas de diferentes modos de existir, especialmente dos povos originários, das culturas africanas, dos ribeirinhos e tantos outros... também nossos parentes... nossos ancestrais...

Referências

- ADICHIE, C. N. **O perigo da história única**. São Paulo: Companhia das letras. 2019.
- ADICHIE, C. N. **Hibisco roxo**. São Paulo: Companhia das letras. 2011.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. Editora: Pólen. 2019.
- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BORGES, L. **Encarceramento em massa**. São Paulo. Editora: Pólen. 2019.
- CAPULANAS CIA DE ARTE NEGRA; SILVA, S. S. J. (orgs.). **Negras Insurgências** – Teatros e dramaturgias negras em São Paulo: perspectivas históricas e práticas. São Paulo: Ciclo contínuo, 2018.
- COLLA, A. C. **Caminhante, não há caminho. Só rastros**. São Paulo: FAPESP, Perspectiva, 2013.
- COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DAVIS, A. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016 a.
- DAVIS, A. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2016b.
- EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas. 3ed. 2017
- EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas. 2018.
- FAIR HEALTH. **A Detailed Study of Patients with Long-Haul COVID**. FAIR Health White Paper, June 15, 2021.
- FAUSTINO, C.; Capulanas Cia de Arte Negra (orgs.). **Mulheres líquido** – os encontros fluentes do sagrado com as memórias do corpo terra. São Paulo: Programa de fomento ao teatro – Prefeitura de São Paulo. 2014.

FAUSTINO, C.; SOUZA, L. **Pretextos de mulheres negras**. São Paulo. Editora: Mjiba, 2012.

FEDERICI, S. **O calibã e a Bruxa**. São Paulo: Editora Elefante. 2017.

FERRACINI *et al.* **Uma experiência de cartografia territorial do corpo em arte**. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 22, p. 219 - 232, 2014.

HOOKS, B. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação** – episódios de racismo no cotidiano. São Paulo: Cobogó. 2019.

KOPENAWA, A.; BRUCE, D. **A queda do céu: palavras de um xama yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras. 2019

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das letras. 2020a.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das letras. 2020b.

LAPOUJADE, D. **As existências mínimas**. São Paulo: N-1. 2017.

MARTINS, G.; MOURA D.; REIS, R. **A dança da Indignação**. São Paulo: Papel Brasil. 2017.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1, 3 ed. 2019.

MENDES, V. M. **Entre Pontes, Travessias e Encruzilhadas: corpos em tensão, inventando existências e resistências rizomáticas**. 2020. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

PAIXÃO *et al.* **{EM} GOMA Dos pés à cabeça: dos quintais que sou**. São Paulo: Capulanas. 2011.

PELBART, P. P. **Poder sobre a vida, potência da vida**. Lugar comum. São Paulo, s. v., n.17, p.33-43, 2002.

- SANTANA, J. **Sinto Muito!** São Paulo: do autor. 2018.
- SANTANA, J. **Pétalas e pedradas.** São Paulo: do autor. 2014.
- SHIVA, V. **Monoculturas da mente.** São Paulo: Global editora. 2003.
- SILVA, C. **Parem de nos matar.** São Paulo: Pólen, 2019.
- SILVESTRE, H. **Notas sobre a fome.** São Paulo: Ciclo contínuo editorial. 2019.
- SOUZA, L. **Águas da cabaça.** São Paulo: do autor, 2012.
- SPINOZA, B. **Ética.** São Paulo: Autêntica, 4. edição. 2007.
- TENINA, L. **Cuidado com os poetas! Literatura e periferia na cidade.** Porto Alegre: Editora Zouk, 2017.
- VAZ, S. **Literatura, pão e poesia.** São Paulo: Global editora. 2011.
- VAZ, S. **Colecionador de pedras.** São Paulo: Global editora. 2013.
- VAZ, S. **Flores de alvenaria.** São Paulo: Global editora. 2016.
- VENTURA, D.; REIS, R. A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da covid-19. **Direitos na pandemia:** mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil, São Paulo, n. 10, p. 6-31, 2021. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/01/boletim-direitos-na-pandemia.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.